

Intervenção do Deputado José Gabriel Eduardo

Assunto: Música – A verdade dos números

Horta, 24 de Janeiro de 2007

Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

A **música**, desde o início da sua história, foi considerada uma prática cultural e humana. Provavelmente, fruto da observação dos sons da natureza, despertou no homem, através do sentido auditivo, a necessidade e vontade de fazê-la. Defini-la não é tarefa fácil porque apesar de ser intuitivamente conhecida por qualquer pessoa, é difícil encontrar um conceito que abarque todos os significados dessa prática. Mais do que qualquer outra manifestação humana, a música contém e manipula o tempo e o som. Talvez por essa razão ela esteja sempre fugindo a qualquer definição, pois ao buscá-la, ela já se modificou, já evoluiu. E esse jogo do tempo é simultaneamente físico e emocional. Uma das maiores dificuldades em definir música tem sido o emprego dessa palavra na descrição de todas as actividades e elementos relacionadas aos sons organizados.

Um dos poucos consensos relativos à música é que ela consiste numa *combinação de sons e de silêncios que se desenvolvem ao longo do tempo*. Neste sentido engloba toda a combinação de elementos sonoros destinados a serem percebidos pela audição. Isso inclui variações nas características do som (altura, duração, intensidade e timbre) que podem ocorrer sequencialmente (ritmo e melodia) ou simultaneamente (harmonia). Ritmo, melodia e harmonia são entendidos aqui apenas no sentido de organização temporal, pois a música pode conter propositadamente desarmonia e disritmia.

A percepção musical, que se dá principalmente pelo sentido da audição, não pode alcançar a totalidade dos objectivos do compositor e o ouvinte reinterpreta o "material musical" de acordo com seus próprios critérios. Por isso, a música é também uma forma de apropriação individual dos elementos formais que pertencem ao consciente e ao emocional, influenciados pelo conjunto das manifestações culturais.

O campo das definições possíveis é na verdade muito grande. Há definições de vários músicos (como Schönberg, Stravinsky, Varèse, Gould, Guillou, Boulez, Berio e Harnoncourt), bem como de musicólogos como Dalhaus, Molino, Nattiez,

Deliège, entre outros. Entretanto, quer sejam formuladas por músicos, musicólogos ou outras pessoas, estas definições dividem-se em duas grandes classes: uma abordagem intrínseca, imanente e naturalista contra uma outra extrínseca, funcional e artística.

Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Estas minhas primeiras palavras embora fazendo uma abordagem muito técnica da música servem perfeitamente para trazer a esta tribuna uma questão essencial que entendo ser merecedora de especial atenção por parte de todos nós nesta Casa; e em especial no meu caso particular, que assumo responsabilidades nesta área, não podia deixar de forma alguma de aqui trazer a debate a importância da música na formação e educação dos jovens e da sociedade em geral.

E é exactamente sobre a música das filarmónicas e sobre os músicos dos Açores que hoje quero trazer esta reflexão para que se perceba a importância desta manifestação cultural na nossa Região.

Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

As práticas musicais não podem ser dissociadas do contexto cultural. Cada cultura possui os seus próprios tipos de música totalmente diferentes nos seus estilos, abordagens e concepções do que é a música e do papel que ela deve exercer na sociedade.

Podemos pois discutir os níveis em que as bandas filarmónicas afectam a nossa identidade cultural, mas é inquestionável o seu papel na cultura expressiva da nossa Região. Vamos assim, se tal me for permitido, fazer algumas contas que talvez nos possam elucidar melhor do que as palavras.

A Região Autónoma dos Açores tem neste momento 103 filarmónicas em actividade. Nem todas são centenárias é certo, mas como algumas delas tem a sua fundação referenciada ao último quartel do século XIX e a maior parte das restantes têm a sua origem na primeira metade do século passado, podemos considerar que em média todas são centenárias. Depois se tivermos em conta que em média a geração de um filarmónico é de 15 anos, e que o número médio de músicos de uma banda é de

35, podemos então dizer que só no século que findou passaram pelas filarmónicas da Região mais de 25.000 músicos.

Por outro lado, contabilizando só as festas religiosas, e partindo do princípio que cada banda fez 10 festas por ano, e estou a contar por defeito, as nossas bandas participaram em 10.000 festas no século XX. Se em cada uma destas festas, pelo menos em cada procissão, tivermos em média 500 pessoas, o público das nossas filarmónicas pode estimar-se em 5.000.000 de ouvintes. Estes números, não sendo exactos, pois pecam em muito por defeito, sendo referentes ao passado, ainda assim são o suficiente para a presente reflexão.

Que instituição musical pôde apresentar no Século XX, ou mesmo no presente século números tão expressivos? Seguramente nenhuma outra. A identidade musical da nossa Região está inevitavelmente ligada à actividade das suas bandas filarmónicas. Os gostos são aferidos pelo repertório por elas praticado, e é delas que emergem os muitos profissionais nas diferentes áreas da música.

Falar de filarmónicas não pode ser somente ter em conta os papéis que desempenham no presente ou já desempenharam no passado. É entender o que a sua história afectou e afecta o que

somos. Na nossa maneira de sentir e entender a música, mas também de sentir e entender a cultura da nossa comunidade.

Para os músicos foram e são uma oportunidade de praticar uma linguagem subjectiva como a música, vivenciar um associativismo com regras muito especiais, tomar contacto com os outros, com as terras vizinhas, descobrir e descobrir-se.

Muitas vezes em contextos sociais, económicos e políticos muito desfavoráveis, as filarmónicas foram para os músicos espaços únicos de crescimento pessoal contribuindo para um enriquecimento das suas comunidades.

Para o público foram, e para muitos ainda são, a principal fonte de cultura musical, de divulgação do importantíssimo património da humanidade que são algumas obras musicais.

Mas também são símbolo de festa, de identidade, espaços de bem-estar, evocam memórias e confirmam a continuidade do tempo.

Senhor Presidente da Assembleia

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora e Senhores Membros do Governo

Foi esta a reflexão que hoje quis trazer a esta tribuna, com a noção clara da responsabilidade acrescida que me assiste de

assegurar que estas instituições seculares não serão esquecidas por parte do Governo Regional dos Açores e que estes números aqui apresentados não sejam esquecidos pois no fundo todos os Açorianos são um pouco filarmónicos, todos carregam em si esta herança que nos foi legada por, pelo menos, 10.000 “actuações” para os nossos mais de 5 milhões de “avós”.

Disse.

Sala das Sessões, em 24 de Janeiro de 2007

O Deputado Regional,

José Eduardo